

SEBASTIÃO BRÁZ EM LUTA COM SEU TEMPO: configurações da memória nas experiências de um militante contra a ditadura¹

Eugênio Brito Rocha
Mestrando em História do Brasil – UFPI
eugenio.brito.r@gmail.com
Fábio Leonardo Castelo Branco Brito
Doutor em História Social – UFC
fabioleobrito@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho estuda historicamente as configurações de memória de Sebastião Bráz, em suas experiências de militância durante a ditadura militar brasileira entre as décadas de 1950 e 1970. Estabelecendo conexões com os relatos biográficos cedidos pelo personagem, obtidos por meio da metodologia da história oral, procuramos desenvolver uma narrativa que possibilitasse pensar quais lastros históricos conectavam Sebastião Bráz com as condições de existência de seu tempo, analisando, assim, os primeiros passos de sua relação com diferentes espaços institucionais do Partido Comunista. O objetivo central da pesquisa, para além de dar visibilidade aos relatos lançados pelo personagem, é compreender de que forma indivíduos como Bráz são filhos de seu próprio tempo, não escapando, portanto, às tiranias do mesmo. Em termos empíricos, o trabalho está suportado pela entrevista cedida por Sebastião Bráz. Teoricamente, o presente trabalho opera com os conceitos de memória lançados por Antônio Torres Montenegro e Maurice Halbwachs, com o debate sobre história vista de baixo explanado por Jim Sharpe e com a discussão sobre história e biografia, configurada em torno de Jacques Le Goff e Vavy Pacheco.

Palavras-Chave: História. Memória. Ditadura. Sebastião Bráz.

As relações entre história e memória configuram uma das questões centrais que atravessam o ofício do historiador. Notadamente ao longo do século XX, a memória se tornou uma pauta efetiva nesse ofício, havendo, no interior dela, diferentes possibilidades de leitura a respeito, passando essas desde as perspectivas que contemplam a memória, ela própria, como histórica, corolário de uma pretensa memória coletiva (HALBWACHS, 2013), ou, por outro lado, a possibilidade de compreendê-la como um amontoado de reminiscências e monumentos, dispostos ante os historiadores como material para a sua queima de monturos (NORA, 1993).

¹ Este trabalho, parte dos espaços de construção de dissertação de mestrado presentemente intitulada “Sebastião Bráz: história e memória de um militante contra a ditadura militar (1952-1970)”.

Utilizaremos aqui as memórias de Sebastião Bráz² para que possamos assim entender parte de sua trajetória de vida e buscar compreender a situação social e o lugar no qual nosso sujeito estava inserido. Para isso, por muitas vezes, o material utilizado para explorar tais memórias se faz por meio dos relatos orais do senhor Bráz. No entanto, vale resaltar que alguns desafios são lançados quando falamos em memória, pois devemos lembrar que estaremos transitando em um campo minado e ao mesmo tempo cheio de vertentes que nos guiarão às luzes da compreensão, Segundo Antônio Torres Montenegro:

A construção de uma memória segue muitas trilhas, algumas vezes obedecendo às margens que o tempo lhe ofereceu, outras vezes rompendo os limites e ocupando vastos territórios. A memória [...], assim como a ação humana, interfere de diversas formas nos transbordamentos, uma série de estratégias concorre para que determinadas práticas, lugares e pessoas produzam marcas e consolidem símbolos e significados que transcendem determinadas fronteiras, limites e espaços. (MONTENEGRO, 2010, p.101.).

Montenegro observa que as interferências no campo da memória são praticadas por uma série de estratégias, essas são acompanhadas de símbolos que transcendem nossos espaços. A memória alicerça com a ação humana que pratiquemos e rompamos com a ilusão de obedecer a uma estrutura linear, porém, quando consolidamos os símbolos, podemos ressignificar os espaços atuantes que nossa compreensão permite.

Tomando o personagem central deste texto, é possível compreender que sua trajetória, narrada a posteriori, indica os caminhos que o carregaram a uma militância, tornada, na sua narrativa, elemento fundamental de sua vida. Sua formação escolar para a época, meados dos anos de 1940/50, era considerada avançada e quem possuía esse nível de escolaridade atrelado ao ensino tecnicista poderia ser considerada uma formação elevada para o ensino em Teresina, até então a cidade onde morava. Segundo ³Senso Estatístico do Serviço de Recenseamento Nacional, o índice de analfabetismo no estado do Piauí era considerado alto, pessoas com idade acima de cinco anos que não sabiam ler, nem escrever chegavam a 674.739 mil pessoas entre homes e mulheres no ano de 1950. Fato este que explica a mudança de sua terra natal para a cidade de Teresina no estado do

² Sebastião Bráz Filho é um piauiense nascido na cidade de Valença, após terminar seus estudos na capital Teresina, decide então deslocar-se para a cidade do Rio de Janeiro em 1952, nessa cidade Bráz inicia sua militância política contra o regime ditatorial que se instaurava em 1964 no Brasil.

³ Anuário estatístico do Brasil 1950. Acessado em 18 de abril de 2016.

Piauí, tendo em vista que a educação que era oferecida nas demais regiões distantes da capital não tinha uma credibilidade no ensino como em Teresina.

Nessa época, Teresina ainda era uma cidade bastante provinciana, não acompanhara o desenvolvimento urbano em relação as demais capitais do país e as práticas cotidianas que envolviam o dia a dia da cidade hora se confundiam ainda com o cenário que se observava na zona rural. Deste modo, buscando uma perspectiva de vida melhor e acompanhando o movimento migratório interno que ocorria no Brasil nesse período, Sebastião Bráz toma uma decisão que mudaria completamente a sua história de vida, “parte em retirada⁴” para o estado do Rio de Janeiro no dia 14 de fevereiro de 1953.

Quanto à análise dos relatos, ao considerarmos as abordagens sobre as experiências de vida narradas por Sebastião Bráz, devemos aqui utilizar alguns conceitos que nos embasam e nos dão aparato necessário para tratarmos um assunto como uma breve biografia e seus problemas metodológicos. Desse modo, encontramos em Le Goff, conforme citado por Vavy Pacheco, um destes conceitos:

Alguns problemas teóricos metodológicos se colocaram ao procurar pesquisar, compreender e narrar a vida de Gabrielle⁵, segundo Jacques Le Goff, que completou recentemente duas biográficas, “a biografia [...] é uma das maneiras mais difíceis de se fazer história” [...] escrever uma biografia é, [...] olhar a história com lente de aumento. (PACHECO, 2004, p. 293.)

Le Goff se arma do teorema biográfico, por conta das dificuldades de ações e discursos narrativos ao longo da vida. Tal critério biográfico consiste em sintetizar as várias histórias com essa lente de aumento, isso é uma análise minuciosa. Portanto, assim se faz necessária a citada técnica para dissertar tal assunto que requer um monumental esforço pedagógico em trazer as experiências de vida de um sujeito inserido no processo de militância dentro de um regime autoritário e opressor.

Passados alguns dias e seu primeiro contato com aquela nova realidade, Sebastião Bráz consegue seu primeiro emprego em uma fábrica de vidros que se chamava

⁴ Essa expressão foi utilizada não no sentido pejorativo da palavra, mais sim com a intenção de explicar que o sujeito migra para a cidade capital do Rio de Janeiro buscando assim uma melhor perspectiva de vida econômica.

⁵ Gabrielle Louise, descendente de famílias de origem europeia, destacou-se nas décadas de 10 a 30 por conta de seus casamentos no cenário da elite carioca, paulista e internacional. “Vavy Pacheco se utiliza dessa personagem para explicar as dificuldades teóricas-metodológicas de se produzir uma biografia.

Brasívidros, localizada no subúrbio carioca de Vicente de Carvalho – local esse por qual Bráz possuía um sentimento de pertença devido ter morado muito tempo naquela região.

Já empregado na fábrica de vidros, Sebastião recebe um convite informal por um companheiro de trabalho. Tal convite tinha como principal objetivo convocar jovens para ingressarem na juventude comunista. Com isso, no dia 21 de fevereiro de 1953, sábado, ocorre então um baile no comitê do vereador Mourão Filho, que na época era filiado ao PTB, e a partir de então Sebastião Bráz se tornava o mais novo membro da juventude comunista carioca.

Após ingressar na juventude comunista, Sebastião conhece Maria Alice de Lima Bráz no ano de 1955. Posteriormente se casam e decidem constituir família, desse matrimônio tiveram quatro filhos, Olinda, Iolanda, Marcel e Marcílio. Já com uma consciência política amadurecida e formada, Sebastião Bráz passa a integrar o núcleo de atividades que eram delegadas aos jovens que participavam da juventude comunista.

As narrativas e os testemunhos orais que nós utilizaremos como fonte primordial para nossa pesquisa se concretizam a partir dos depoimentos coletados em entrevistas com Sebastião Bráz, desse modo segundo Pacheco (2004) em relação às fontes:

Por meio das vozes que nos vêm do passado: a partir de diários, cartas, livros e contos. Quando se trata em recuperar a vida de “pessoas comuns”, são sempre fiozinhos que se recolhem aqui e ali, com os quais temos de tecer as tramas da vida. (PACHECO, 2004, p.294).

Portanto, tecer as tramas é discutir as vozes e suas relações com as recuperações de memórias e fazer disto um amadurecimento, enquanto se articula com os fios das impressões pessoais e de “pessoas comuns”, assim teremos uma pesquisa mais organizada. Isto se deve ao fato da concreção de depoimentos e das fontes serem bastante seguras, sendo confrontadas e tendo sua veracidade posta á prova por meio dos documentos, como também dos registros oficiais da historiografia brasileira que discute a ditadura-civil militar.

Em 1956, após do vigésimo congresso do partido comunista da união soviética, foram definidas algumas diretrizes as quais provocaram alguns reflexos dentro das organizações no Brasil, uma das diretrizes que passam a ser efetivas neste evento foi a decisão em extinguir a juventude comunista, a partir de então todos os jovens que queriam

se manter atuantes na militância se viram obrigados a ingressarem no Partido Comunista Brasileiro, fato esse que marcaria todo o começo da ilegalidade partidária e, conseqüentemente, a clandestinidade.

Para Carolina Dellamore Batista Scarpelli, no que se refere ao processo de clandestinidade dos sujeitos que tiveram uma atuação efetiva contra a ditadura civil militar, devemos perceber:

[...] clandestinidade procuramos recuperar significados e representações construídas por esses sujeitos em relação a essa experiência, o que possibilitou novas informações agregadas às versões já construídas. [...] ampliando a discussão sobre as dimensões e imbricações das categorias, lembranças, memórias e esquecimento na construção da memória social referente ao período da ditadura militar. (SCARPELLI, 2010, p.6)

Atribuir novas informações é sempre relevante, a recuperação do que foi “colocado de lado” é praticar as vozes que foram caladas por conta do autoritarismo mecanicista de um momento em que a democracia se viu abalada. A memória social se encontra nesse momento como uma observação de suma importância, toda e qualquer lembrança coloca as discussões clandestinas acima das vozes majoritárias, referendar novos conteúdos memorialísticos é um sinal de feitura dos protagonistas que devem ser vistos sob uma perspectiva identitária, já que a ditadura civil-militar recuou na chamada democracia, criando desvios e fomentando que a vivência fora do contexto permitido vide ditadura pudesse organizar uma particularidade futura da memória social dos militantes.

Nesse entendimento, as denúncias de fatos contrários ao que os comunistas admitiam não terem ocorrido no vigésimo congresso da união soviética, Khrushchev, traz à tona uma série de crimes praticados por Stalin, a partir de então as primeiras manifestações de fragmentação dentro do PCB começam a ser evidenciadas. A criação do Partido Comunista do Brasil – PCB passa a ser o início de toda fragmentação partidária no país, essa divisão faz com que uma série de grupos isolados surgisse, no entanto esses se interagem em uma rede que permitia a organização de combates que tinham como o objetivo comum e central a luta contra a ditadura civil-militar.

A partir de então, os grupos que se fragmentaram inserem-se no combate da ditadura civil-militar e Sebastião Bráz passa a participar com mais frequência da

militância, dando todo o apoio logístico aos principais líderes do movimento de resistência dentro do período de exceção causado pela ditadura.

As experiências de vida de um sujeito que se manteve atuante e viveu na clandestinidade durante boa parte da ditadura militar, sujeito esse que por diversas vezes se viu em situações de crise, quando no ano de 1958 esteve à frente da diretoria do sindicato dos aviários e assume um papel de extrema importância na luta sindical e em prol da classe trabalhadora organizada.

Quanto ao resgate de trazer à tona o dispositivo das experiências no campo político, é bom ressaltar que o sujeito se compromete a assumir sua luta com a condição da extrema mudança criando objetivos que se sustentam nas lutas pelos ideais, Jim Sharpe comenta:

[...] Ainda que pudesse parecer que os historiadores marxistas, antes de outros escritores, que escrevem a partir de tradições diferentes, sugerirem a amplitude da temática que o historiador social poderia estudar, tenham tendido a restringir o estudo da história vista de baixo àqueles episódios e movimentos em que as massas se engajaram na atividade política [...]. (SHARPE, 1992, p. 44).

Sofreu as consequências de um período em que os direitos fundamentais e coletivos não tinham importância e nem eram pensadas pelo estado, sua prisão durante o período em que estava à frente do núcleo diretor do sindicato dos aviários e aeronautas é fato primordial para a composição de sua participação no processo de resistência à ditadura, é nesse momento que é decretado a ilegalidade dos sindicatos e mais um vez a força do estado em nome da segurança nacional oprime a classe trabalhadora.

Utilizar as experiências de vida e Sebastião Bráz para entender o contexto social, político e econômico de um período de exceção é peça fundamental para a construção da análise, desviando em vertentes que nós condicionam a uma análise mais minuciosa, realizamos uma breve apresentação de nosso sujeito, fato este que consideramos importante para podermos perceber a contribuição de um cidadão que foi contra o regime opressor e autoritário, deste modo contribuindo para um bem estar social de uma nação, em uma tentativa coletiva de se restabelecer uma possível democracia.

Experiências de militância em tempos de ditadura: a juventude comunista e o ingresso no partido

Partindo do pressuposto das experiências de vida sobre a militância esquerdista contra o regime ditatorial brasileiro em 1964, discutiremos as realidades vividas pelo senhor Sebastião Bráz enquanto militante comunista, desse modo suas vivências durante a ditadura militar nos colocaram em uma dimensão na qual poderemos compreender desde o início todo o processo em que Bráz se insere.

Desde a adesão à causa militante, onde passa a compor o núcleo conhecido como juventude comunista, até mesmo às suas experiências vividas em todo o decorrer do golpe de 1964, permeadas de perseguições e o medo que assolava e assombrava toda a sociedade, buscamos ir mais a fundo e internalizar o processo que foi viver em clandestinidade logo após o estado cessar os direitos fundamentais e coletivos do nosso sujeito e de toda sociedade viveu no Brasil dessa época.

Ao iniciarmos um diálogo sobre a militância, isso nos faz remeter a um exercício de compreensão da importância social em que o sujeito se posiciona. O perfil trabalhador industrial que compunha a classe operária do Rio de Janeiro em 1953 era algo normal, porém o contato com a classe trabalhadora faz com que Sebastião Bráz sinta-se atraído pelo ideal revolucionário, ao relatar em seu depoimento as circunstâncias que se concretizam o seu contato com as ideologias sociais:

Meu primeiro contato foi exatamente nesta fábrica, eu cheguei no Rio de Janeiro numa sexta-feira, na terça-feira comecei a trabalhar, na quinta-feira o pessoal da fábrica se reúne e eu fui assistir essa reunião que era novidade para min. E ai a pessoa que dirigia os trabalhos me convidou, eu não conhecia nada daquilo, sentei ali e achei interessante o que foi dito na reunião, que tudo era novidade para min. (BRÁZ, 2015)

Podemos perceber que o ambiente do trabalho passava a ser um grande atrativo para a compreensão desse novo universo que começava a ser criado em torno da militância esquerdista, desse modo a atribuição e a organização de reuniões buscando assim convocar a classe trabalhadores e os jovens que nesse momento era parte componente do processo de inserção à causa militante.

Os espaços de sociabilidade que eram praticados pela juventude atuante contra a ditadura civil-militar eram os bailes dançantes que aconteciam geralmente aos finais de

semana, desse modo os jovens se sentiam atraídos para se deslocarem até esses locais que, de acordo com Bráz (2015), eram nesses bailes que aconteciam as reuniões e os comitês políticos, por consequência era feita a convocação dos jovens que ali se faziam presentes para ingressarem na juventude comunista, Segundo Bráz:

[...] Nessa reunião que foi feita na indústria que eu me referi na questão passada. Depois da reunião um companheiro chega pra min e conversa eu gostei e tal, e ele fala, olha aos sábados nós fazemos um baile aqui e tal, aqui na rua dos Romeiros na Penha você não gostaria de ir lá dançar? Eu vou e então eu fui no sábado para lá esse era o nono dia que eu estava no Rio de Janeiro, e logo depois começamos a dançar ai um companheiro me chamou e nós fomos mais dois companheiro para um lugar mais tranquilo e ai começamos a conversar. Eles falaram: nós somos membros da juventude comunista, e me explicaram toda aquela questão e tal se eu não queria participar também e tal, e aquilo eu achei interessante, tudo que eles falaram eu compreendi instantaneamente que era a linguagem do trabalhador, do jovem trabalhador. (BRÁZ,2015)

A juventude comunista nesse momento, em relação à militância, serviria de fato como uma espécie de estágio para um futuro ingresso ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a esses jovens eram delegadas algumas tarefas de extrema importância para a difusão das ideias comunistas entre a juventude, entretanto a parte ideológica e as ordens e comandos partiam exclusivamente do PCB.

Elaborar um discurso que fizesse com que o jovem trabalhador adquirisse a vontade de militar junto à juventude comunista necessitaria de certo esforço por parte dos que ali se faziam presentes, a criação do baile foi algo que consideramos como os espaços de sociabilidade da época, contudo as reuniões seguiam posteriormente ao término dos bailes como próprio Senhor Bráz nos evidencia. A utilizavam de expressões que de certo modo causam certa atratividade também por passar a ser peça primordial para o processo de adesão às causas militantes.

Dentro de uma perspectiva construtivista, devemos lembrar que as experiências de vida de Sebastião Bráz e sua correlação com a adesão à militância nos permitem nesse momento iniciarmos um diálogo sobre as representatividades dos grupos minoritários e a construção de uma memória coletiva por esses grupos, o que segundo Michel Pollak (1989) aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

Pollak nos redimensiona em uma perspectiva da compreensão que, são essas formalizações memorialísticas entrelaçadas por um conjunto complexo dos processos responsáveis por tais memórias que determinam a elaboração e a construção da memória coletiva desses grupos, em nosso caso, os grupos que iniciavam a militância por meio da juventude comunista.

Partindo do conceito de Pollak sobre a sua visão em relação à memória coletiva, podemos compreender que a constituição desse ideário revolucionário se reafirma, tendo em vista que os grupos que militavam contra a ditadura civil-militar necessitavam da adesão e do apoio da juventude, efetivando assim entre os grupos a criação de uma memória coletiva.

A elaboração memorialística desses grupos, especificamente o grupo do qual Senhor Bráz fazia parte, nós leva a compreender que o local social onde seus companheiros atuavam tinha uma importância para a constituição das atividades ligadas à militância, foi possível perceber em seus relatos que a atuação militante se delimitava através dos locais onde os membros dos grupos residiam, Segundo Bráz:

Uma das coisas que eu aprendi a partir da minha atuação na juventude foi dar muita atenção à segurança, então ali naquele bairro da Penha que faz parte todo Madureira, Vicente de Carvalho, Vila da Penha, Praça do Carmo e etc; então ali era nossa área de atuação, e aí eu posso citar alguns dos companheiro que atuaram comigo, os irmãos Demario e Juraci, Ulisses e José Nunes. (BRÁZ, 2015)

Nesse entendimento, percebemos que em sua fala é possível entender as dimensões geográficas em que o grupo o qual Bráz atuava se constituía por meio de um papel específico de atingir primeiramente os locais próximos aos militantes, visando assim um controle territorial por parte dos que aderissem às ideias do grupo, ainda nessa perspectiva a atuação era realizada em conjunto, uma vez que senhor Bráz partilha conosco as experiências de que a sua atuação se dava através da ajuda de outros companheiros.

É nessa perspectiva que buscaremos seguir com as discussões e a elaboração de uma compreensão para as experiências militantes ligadas ao golpe de 1964, buscando assim entender as vivências e as histórias de vida do senhor Bráz em todo o decorrer da ditadura civil-militar brasileira.

Idos de março e abril: o golpe de 1964 e a repercussão na configuração de uma resistência

Ao inserirmos o golpe que se instaura na sociedade brasileira após os anos de 1964, é possível perceber que o estado de repressão e intolerância em que os brasileiros passavam a conviver foi algo que deixou marcas que podem ser notadas até os dias atuais, desse modo a compreensão de um acontecimento que passa a ser um marco histórico para o país é algo passível de análises, e são essas análises fomentadas por quem de fato teve uma experiência com o golpe militar que efetivamente nos estimularam com uma visão subjetiva de um sujeito inserido no processo ligado ao desencadeamento do golpe civil-militar.

Senhor Bráz nos remete a uma dimensão em que o golpe militar não foi algo que se desencadeou do dia para a noite. Confrontando a oralidade com a historiografia brasileira, é possível perceber que o golpe passa a ser fruto de uma fragilidade política ocasionada dentro do governo de Getúlio Vargas, isso atrelado a uma série de insatisfações que já vinham permeadas de conflitos nos mais diversos setores da sociedade brasileira, segundo Bráz:

O golpe militar ele não foi um acontecimento de 64, ele é fruto de um preparação que já vinha na nossa história de muito tempo, uma das coisa que eu posso lhe dizer quase que com certeza é que Getúlio quando criou a Petrobras criou também o ódio entre os militares integristas, porque nas forças armadas é como qualquer outra organização ela tem facções das mais diversas, e ai tanto é que tem grupos atuantes que Getúlio deu um tiro no peito, preferiu não entregar o poder que eles queriam de volta que era o golpe que eles queriam dar naquele período, e Getúlio se suicida e modifica o curso daquela história toda, mas todos eles continuam tramando, ai vem com a eleição de Juscelino os levantes de Aracaça e Jacareacanga os quais foram feitos por militares da aeronáutica, inclusive um dos dirigentes desse levante era o brigadeiro João Paulo Burnier ,[...] então não é uma coisa que foi criada em 64, e ai a história do golpe militar ela está presa a uma série de organizações internacionais a serviço de grandes grupos internacionais o bad e a cia foram muito atuantes, todo mundo sabe que o embaixador americano foi um dos dirigentes do golpe aqui no Brasil abertamente, mesmo porque dez anos depois o departamento de estado americano publica documentos que o embaixador do Brasil reproduziu dos quais ta lá a atuação do Mr. Lincon Gordon e de um coronel que era muito amigo ai do presidente Castelo Branco [...] eram pessoas que vieram aqui para o Brasil para preparar o golpe, para desencadear o golpe militar. (BRÁZ,2015).

De acordo com a fala do senhor Bráz, podemos compreender que o golpe militar foi algo planejado previamente e por vários setores que possivelmente sentiram seus interesses afetados, desse modo ele descreve sua experiência como o golpe por meio de uma subjetividade em que a descrição dos acontecimentos se dá com uma riqueza de detalhes impossível de ser percebida pela historiografia brasileira oficialista.

Esses acontecimentos contados por sujeitos que não são lembrados historicamente, porém têm suas contribuições dentro do processo de atuação de uma ditadura, nos remete a análises á luz de Maurice Halbwachs, segundo ele:

Dentre um conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças[...] nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sétimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer. (HALBWACHS, 1990, p.28).

O pensamento de Halbwachs em relação os depoimentos de externos nos fazem praticar os instintos e as lembranças que se instalam dentro de nossas próprias memórias, fazendo assim com que o processo de rememoração aconteça de forma sistemática e organizada, desse modo a necessidade da testemunha em relação à memória que é reconstruída se torna essencial para ao entendimento de lembranças e suas possíveis compreensões.

A efetiva necessidade de entender o golpe militar partindo de uma visão individualista e subjetiva do senhor Bráz é tentar buscar uma explicação do ponto de vista não oficial para os acontecimentos que por sua vez prejudicaram a sociedade brasileira. Assim podemos buscar uma análise mais efetiva e detalhada diferente do que já se tem escrito sobre o desencadear do golpe militar na historiografia oficial.

Ainda tratando as experiências vividas por Bráz durante a ditadura militar, podemos elencar a forte repressão que viveu quando esteve à frente do sindicato dos aviários do Rio de Janeiro, o sindicalismo nesse momento passa por uma seria repressão da ditadura que queria pôr fim no direito de contestar dos trabalhadores, o que se efetivava por meio dos sindicatos que representavam a classe trabalhadora organizada, porém antes de chegarmos a esse ponto devemos relembra a atuação da militância comunista durante o golpe militar, segunda Bráz se efetiva da seguinte forma:

O golpe para nós, o partido alimentava a ilusão do esquema militar do governo, o partido não se preparou apesar de todos esses antecedentes de ameaça de golpe, o partido não se preparou o partido caiu no ilusionismo de que a coisa iria se dar de tal maneira através do esquema militar do governo, ele não se preparou, e de repente não aconteceu nada disso, o esquema militar do presidente Jango não funcionou, não existia mesmo né, o general que era responsável pelo esquema não era um general de muito prestígio nas forças armadas ele não teve força de coisa nenhuma era o Assis Brasil e o golpe foi desencadeado, e nós os comunistas militantes passamos a ser a grande vítima do golpe militar, e os dirigentes do partido ficaram atônicos com aqueles acontecimentos, o Apolônio de Carvalho⁶ que eu considero uma das pessoas mais importante do movimento comunista brasileiro ele cita em seu livro vale a pena sonhar detalhes sobre essa questão aí. (BRÁZ, 2015)

A militância se viu desprevenida diante do ataque dos militares ao poder como próprio senhor Bráz relata em sua fala, as articulações criadas pelos militantes não foi suficiente para conter o golpe, iludidos com o sonho socialista os comunistas de caçadores do regime militar viram a presa diante da atitude inesperada dos militares, o sistema militar falho causado por um colapso nas relações políticas dentro do governo de Jango impulsiona ainda mais a conquista militarista sobre a resistência e toda a sociedade brasileira.

Conforme pode ser observado, durante todo o período da ditadura civil-militar a clandestinidade passa a ser um acontecimento de grande importância, a vida clandestina dos militantes que vivem diretamente para o enfrentamento contra o regime ditatorial sofre radicais mudanças, devido as questões ligadas à segurança e à necessidade de se criar falsas identidades sociais que se faziam necessárias, que por muitas vezes serviam como instrumento para escapar dos órgãos de repressão e se camuflar diante da sociedade.

Nessa perspectiva clandestina, as experiências vividas por Sebastião Bráz o deram a devida dimensão e necessidade de planejar as ações frente aos sindicatos, fazendo-o se tornar clandestino e por consequência ser preso, nesse momento em que percebermos a força dos órgãos de segurança nacional, segundo Bráz:

Nós éramos dirigentes do sindicato nacional dos aeroviários, do pessoal de aviação, sindicato dos aeronautas e como todos os sindicatos foram atingidos pela reação do golpe militar nós também fomos, fomos depostos logo em seguida fomos presos, nós éramos mais ou menos cerca de quarenta, quarenta

⁶ Militante comunista de importante participação na luta contra o regime, foi um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), atuou ativamente no processo de resistência à ditadura aonde foi preso e torturado pelo regime militar.

e poucos, não me lembro exatamente aeroviários e aeronautas, o pessoal de voo, fomos presos na terceira zona aérea, e aí, em seguida o ministério da aeronáutica já era parte do golpe, nomeou interventores para o nosso sindicato, o sindicato dos aeronautas, e nós fomos aliados do poder e presos. (BRÁZ,2015)

É perceptível um certo ressentimento, tendo em vista que o sindicato serviria de apoio à classe de trabalhadores, atuando também como peça fundamental para o enfrentamento ao regime ditatorial, essa atitude que buscou atingir de forma geral vários sindicatos, tinha como objetivo principal deixar o núcleo dirigente neutralizado diante da força imposta pelo regime.

A intervenção dos militares em tentar sufocar a classe sindical nacional em primeiro momento passa a ser eficaz, o objetivo principal é alcançado, porém, é nesse momento em que boa parte dos membros dessas organizações começa a cair na clandestinidade, clandestinidade esta que Segundo Izabel Priscila Pimentel da Silva:

[...] Clandestinidade também marcou de forma indelével a trajetória destes ex-militantes de organizações revolucionárias brasileiras. Cair na clandestinidade era, acima de tudo, uma tentativa de sobrevivência para estes militantes políticos. Ao ingressar em uma organização de esquerda ou tornar-se clandestino o militante rompia de forma radical com toda sua vida anterior. (SILVA, 2012)

Silva nos demonstra os impactos diretos e indiretos que a clandestinidade provocava na vida de um militante, mostrando ainda que a clandestinidades era algo muito mais complexo do que simplesmente trocar de nome, as consequências de cair na clandestinidade eram tão devastadoras a ponto de se torna um momento vazio nas vidas desses indivíduos.

A clandestinidade também passa a ser algo marcante a vida de Sebastião Bráz, após a sua prisão no presídio Frei Caneca, passou por uma série de interrogatórios no qual se manteve firme com suas palavras. Após ser preso juntamente com os demais membros no sindicato dos aeroviários, Sebastião Bráz nos relata em seu depoimento os momentos de pânico e de tortura psicológica em que viveu durante sua prisão, segundo Bráz:

Aeroviários e Aeronautas que fomos presos naquele primeiro estágio é aquilo que Hélio Pelegrino chama de a ditadura acanhada, a ditadura ainda não tinha se consolidado ainda tava preparando a dentadura para dar as grandes mordidas, e nós fomos presos, não tenho conhecimentos de que nenhum de nós foi submetido a tortura física como depois, isso poucos tempos depois na

criação da OBAN em São Paulo se começou o massacre dos presos políticos, entretanto o tratamento dado é o tratamento que era dado aos inimigos que éramos nós trabalhadores, líder sindicais, homens de vanguarda de categoria, então nós fomos dentro desses parâmetros ai nós sofremos aquela repressão psicológica muito grande né, todos nós, e alguns dos nossos companheiros Mero Bastos, Oto Camelo do Norte, Osorio Pacheco, Martineli e uma serie de companheiros nossos todos tiveram que cair na clandestinidade até conseguirem sair do país e ser exilado. (BRÁZ,2015)

Nesse entendimento, Bráz nos remete a uma situação subjetiva a na qual é decretada a ilegalidade do sindicalismo, ensejado assim em sua prisão juntamente com seus companheiros de luta, é nesse momento que podemos perceber que mesmo com uma atuação não tão repressiva em relação ao enfrentamento armado aos militares, o tratamento que foi empregado ao senhor Bráz não se difere dos que foram presos por atuarem na luta armada.

As experiências de passar alguns dias preso em um presídio de presos políticos foi algo inovador na vida deste sujeito. É logo após sua prisão e ter sua liberdade restabelecida que senhor Bráz durante a clandestinidade vivencia um fato marcante em sua trajetória de luta, a ele e sua esposa Maria Alice de Lima Bráz, foi delegada a função de buscar as ossadas dos companheiros que estavam desaparecidos e que de fato foram mortos pelo ódio e força esmagadora da repressão trazida pela ditadura militar.

Durante esse período de busca e recolhimentos desses presos políticos que haviam sido exterminados pela ditadura militar, é que se tem relatado, com riqueza de detalhes, a maneira em se davam essas buscas, deste modo, segundo Bráz:

[...] Tudo que foi possível fazer para impedir que fossem encontrados esses camaradas nossos, esses companheiros nossos, foi feito pela ditadura militar, uma grande quantidade de companheiros nossos foram enterrados como indigente no cemitério de Perus, no governo da Erundina, quando a Erundina era prefeita de São Paulo, tem uma série de companheiros que nós encontramos lá que foram enterrados como, inclusive a Soninha esposa do Stuart e filha do coronel João Luiz de Moraes e dona Cléa Moraes, foi encontrada lá em São Paulo enterrada com o nome de Esmeralda, então assim eles mesmos fizeram tudo para que não encontrasse, eu tive uma tarefa muito grande também nessa questão dos desaparecidos políticos, porque me foi dada, na época eu tava no grupo tortura nunca mais, me foi dada a responsabilidade de cuidar das ossadas desse pessoal, e ai eu entrei em contato com um diretor do Hospital de Bom Sucesso naquela época e ai nós arranjamos lá um depósito onde colocamos essas ossadas, que eram pra serem examinadas: dentadura, etc. Existia um pessoal que veio até da argentina para fazer esse tipo de qualificação, mas essas ossadas como eu falei anteriormente já estavam em um estado muito avançado de depreciação então resolveu-se fazer um monumento lá em Ricardo de Albuquerque no cemitério. (BRÁZ,2015)

Sebastião Bráz nos redimensiona dentro de um cenário de atrocidades que eram provocados durante o regime de exceção que o país vivia, o fato de se buscar tais ossadas dentro de cemitérios foi uma forma utilizada por esses grupos para tentar minimizar a dor da perda dos familiares que por vezes mantinham a esperança de reencontrar seus entes queridos.

A clandestinidade então significa tornar-se um exilado dentro de seu próprio país (SILVA,2012), todo esse cenário que passava a ser rotina cotidiana de Sebastião Bráz, nos remete uma busca analítica em tentar compreender as relações em que os indivíduos se encontravam durante todo o período da clandestinidade.

As atividades cotidianas sofreram alterações imensuráveis, tendo em vista que a segurança e a necessidade de se encontrar com os demais companheiros de militância passam a ser algo bastante arriscado, logo havia uma necessidade de não saber o nome pessoal dos indivíduos que faziam parte da sua rede de relacionamento, isso poderia colocar em risco todo um planejamento estratégico ou um encontro para transmitir algumas informações importantes para os membros da militância que passavam a viver no anonimato.

REFERÊNCIAS

- FILHO, Sebastião Bráz. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina, 17 ago. 2015.
- HALBWAHCHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Revista dos Tribunais.2 ed. São Paulo, 1990.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SCARPELLI, Carolina Dellamore Batista. **Marcas da clandestinidade: Memórias da ditadura militar brasileira**. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós Graduação em Memória Social: História Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2009.
- SCARPELLI, Carolina Dellamore Batista. Vidas clandestinas: **A ditadura militar brasileira**
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Memórias de Um Pretérito (Im)Perfeito: História Oral da Luta Armada no Brasil. In: XI Encontro Nacional de História Oral, 2012, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.